

RELATÓRIO ANUAL
PRODOCLIN

COORDENAÇÃO
Bruna Franchetto

GESTÃO CIENTÍFICA
Mara Santos

RIO DE JANEIRO
2010

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • [site: prodoc.museudoindio.gov.br](http://site:prodoc.museudoindio.gov.br) / www.museudoindio.gov.br



1- INTRODUÇÃO

Este relatório tem o objetivo de informar as atividades desenvolvidas pelos 13 projetos contemplados no Projeto de Documentação de Línguas – PRODOCLIN- acompanhadas pela coordenação durante o ano de 2010.

2- O Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN)

O Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN) – Museu do Índio – FUNAI – UNESCO – é uma das iniciativas governamentais de políticas linguísticas cientificamente sólida e politicamente empenhada no fortalecimento das línguas e culturas indígenas.

O PRODOCLIN iniciou suas atividades em junho de 2009 financiando 13 projetos de documentação de línguas indígenas:

Apiaka (lingüística Tupi Guarani)

Desano (família lingüística Tukano),

Ikpeng (família lingüística Karib),

Kanoé (classificação lingüística é uma língua isolada)

Karajá/Javaé/Xambioá (família lingüística Jê)

Kawaiwete/Kayabi (família lingüística Tupi Guarani)

Kisêdjê (família lingüística Jê, tronco Macro-Jê, também conhecida como Suyá)

Maxakali (família lingüística Jê)

Ninam (família lingüística Yanomami),

Paresi (família lingüística Arawak)

Rikbaktsa (família lingüística Jê),

Shawadawa (família lingüística Pano)

Yawanawa (família lingüística Pano)



3 – Atividades dos projetos:

3.1 Viagens a campo

I. PROJETO APIAKA

a) Equipe

Cilene Campetela (coordenadora)

Angelo Crixí (pesquisador indígena)

Evanilson Krixí Morimã (pesquisador indígena)

Giovana Tempesta (consultoria antropológica)

b) Povo

Os Apiaka habitam a região noroeste do Mato Grosso, próxima à cidade de Juara. É uma área homologada - Território Indígena Apiaká-Kayabi – aldeia Mayrob, que significa “papagaio verde”, com cerca de 250 pessoas.

c) Língua

Pertence à Família Linguística Tupi-Guarani do Tronco Tupi

d) Oficina

No âmbito do Projeto de Documentação Linguística Apiaka:

d.1) Oficina para conscientização sobre os objetivos do Projeto e seleção de pesquisadores indígenas (Aldeia Mayrob, Outubro/2009);

Oferecida pela linguista Cilene Campetela



Participantes:

- Angelo Krixi
- Clenildo Crixí Sabanes
- Evanilson Krixi Morimã
- Ivanildo da Silva Mori
- Jevanildo Crixí
- Letícia Morimã
- Leandro Ribeiro da Silva
- Nélison Umberlam dos Santos Mori
- Rodrigo Morimã de Andrade
- Viviane da Silva Mori

d.2) Oficina para Pesquisadores Indígenas – linguistas (Rio de Janeiro, Dezembro/2009);

PRODOCLIN – organizada pela gestora científica Mara Santos;

Participantes Apiaka:

- Angelo Crixí
- Evanilson Krixi Morimã

d.3) Oficina para conscientização e reprodução dos grafismos corporais Apiaka (Aldeia Mayrob, Fevereiro/2009)

PRODOCLIN – organizada pelas linguistas Mara Santos e Cilene Campetela;

Participantes:

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • [site: prodoc.museudoindio.gov.br](http://site:prodoc.museudoindio.gov.br) / www.museudoindio.gov.br



- Mulheres tatuadoras e tatuadas da comunidade.

montante de material coletado:

11 fitas minidv;

6 arquivos de áudio = 2h;

600 fotos

e) Registros

e.1) Viagem a campo – set/out 2009

A pesquisadora Cilene Campetela, coordenadora do projeto Apiaka entregou à coordenação do PRODOCLIN os materiais de áudio, e vídeo de diferentes gêneros de fala (cantos, narrativas, elicitación de listas de palavras, frases etc.), musica instrumental e material fotográfico resultantes da sua viagem a campo no período de setembro a outubro de 2009. O montante é:

11 fitas minidv;

24 arquivos de áudio = 5hs

357 fotos da comunidade;

f) Levantamento sociolingüístico

Foram aplicados 65 questionários sociolingüístico em duas aldeias

Mayrob – 54

Figueirinha - 11



II. PROJETO DESANO

a) Equipe

Wilson de Lima Silva (Coordenador)

Frank J. C. Matos (Pesquisador indígena)

Marcelino Massa (Colaborador Desano)

b) Povo

O grupo desano, falante da língua de mesmo nome, vive na região do Noroeste Amazônico.

c) Língua

A língua desano é uma língua da família linguística Tukano, do ramo oriental, falada em comunidades localizadas em territórios brasileiro e colombiano. Estima-se que o número de falantes desano seja de cerca de 800 falantes no Brasil (fonte FOIRN1).

d) Oficina

Realizamos uma oficina lingüístico-pedagógica na comunidade de São Sebastião, no Rio Umari, afluente do Rio Tiquié, com duração de 3 dias, com o objetivo de discutir a criação de uma ortografia unificada para a língua; apresentação do projeto de documentação financiado pela UNESCO e pelo MI.

e) Registros

3 fitas minidv (que inclui discussões durante a oficina, danças tradicionais, músicas, piadas e histórias tradicionais do grupo);

73 fotos;

3 horas de material em áudio, além de textos produzidos durante a oficina sobre ortografia.



f) Levantamento sociolingüístico

Neste primeiro momento a equipe de trabalho fez um levantamento em todas as 11 comunidades desano da região do Rio Tiquié. Trabalhou-se com dois tipos de questionários, um individual por família (14) e um outro comunitário (11).



III. PROJETO IKPENG

a) Equipe

Angela Fabíola Alves Chagas (coordenadora): Lingüista – Doutoranda em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, possui experiência de campo e de pesquisa com descrição de línguas indígenas brasileiras.

Ana Sousa da Silva (colaboradora): Lingüista – Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Pará, possui experiência de campo e de pesquisa com descrição de línguas indígenas brasileiras.

Januária Pereira Mello (colaboradora): Antropóloga – formada pela Universidade Estadual de Campinas, possui experiência de campo e de pesquisa na área de educação escolar indígena.

Ingrid Lemos Costa (colaboradora): Artista Plástica – Mestranda em Artes Plásticas pela Universidade Federal Fluminense, possui experiência com mídias digitais e livros didáticos indígenas.

Amtenu Ikpeng (bolsista): pesquisador indígena, aluno da Escola Central Ikpeng.

Kay Txikão (bolsista): pesquisador indígena, aluno da Escola Central Ikpeng.

b) Povo

A palavra ikpeng refere-se a um tipo de inseto, semelhante a uma vespa e uma formiga, muito bravo, utilizado em rituais de caça e guerra em que os jovens são picados por esses insetos para que possam adquirir novos conhecimentos e capacidades específicas. É também o nome dado por antigos inimigos ao referido povo. Nos documentos históricos também são conhecidos como Txikão, como eram chamados por outros grupos indígenas inimigos antes do contato, mas preferem a autodenominação Ikpeng.

b.1) A situação do território



Os Ikpeng vivem na Terra Indígena do Xingu e hoje eles reivindicam o seu território tradicional na região do rio Jatobá que já consta como um processo na FUNAI que criou, através da Portaria nº 1231 de 22/09/2006, o Grupo Técnico que está elaborando os estudos de identificação e delimitação da área.

c) Língua

família lingüística Karib

d) Oficina

d.1) Oficina de treinamento em documentação - set/out/2009

d.2) Oficina para Pesquisadores Indígenas – linguistas (Rio de Janeiro, Dezembro/2009); PRODOCLIN – organizada pela gestora científica Mara Santos;

d.3) Oficina de Desenho para produção de livros didáticos - Julho/2010

No período de 18 a 22 de julho, foi ministrada para 10 alunos da comunidade Ikpeng a oficina “Os livros, as ilustrações e as artes gráficas no contexto indígena”, na qual foram produzidos cerca de 50 desenhos que ilustrarão o livro de histórias Ikpeng, a ser produzido com a ajuda das pesquisadoras Angela Chagas e Ingrid Lemos, dos bolsistas indígenas Amtenu Ikpeng e Kay Txikão e colaboração de alguns professores e outros membros da comunidade Ikpeng.

e) Registros

e.1) Viagem a campo set/out/2010

A pesquisadora Ingrid Melo, integrante da equipe do projeto Ikpeng entregou à coordenação do PRODOCLIN os materiais de áudio, e vídeo de diferentes gêneros de fala (cantos, narrativas, elicitación de listas de palavras, frases etc.), música instrumental e material fotográfico resultantes de sua viagem a campo no período de setembro a outubro de 2009.



12 fitas de mdv digitalizadas e editadas, resultando em: 20 dvds entregues à comunidade e 20 arquivos *.mpg entregues às pesquisadoras para serem trabalhados em programas de análise linguística;

13 horas de áudio;

883 fotos;

e.2) Viagem a campo 11 a 22 de julho de 2010

De 06 a 28 de julho de 2010 as pesquisadoras Angela Chagas e Ingrid Lemos, do Projeto de Documentação da Língua Ikpeng (Karib), fizeram sua segunda viagem a campo para a Aldeia Moygu – MT, da etnia Ikpeng.

Nesta viagem, as pesquisadoras, juntamente com os bolsistas indígenas, Amtenu Ikpeng e Kay Txikão, deram continuidade ao trabalho de transcrição das histórias coletadas na primeira viagem das pesquisadoras, em setembro/outubro de 2009. Nesta viagem, foram transcritas as seguintes narrativas: “Origem da flecha”, “Origem do artesanato”, “Como se faz borduna”, “História do mel”, “Seres espirituais” e “História do calango”. Foram também iniciadas as transcrições da “História do Omyo” e “Máscara de guerra”.

As gravações audiovisuais dizem respeito, principalmente (i) a entrevistas com moradores da aldeia Moygu, com as mais diversas funções dentro da comunidade Ikpeng; (ii) ao processo de retirada e batida do timbó e (iii) à festa de inauguração de uma das casas tradicionais Ikpeng.

Nesse período, também foi feita a coleta de material lexical que servirá para alimentar o banco de dados *Toolbox*. Nesta viagem foi possível coletar mais de 1000 palavras, que serão inseridas no banco de dados com suas respectivas traduções, exemplos de uso, entre outras informações relevantes.

Nesta etapa do trabalho, foram coletadas:

07 horas de vídeo - já foram digitalizadas, estão em processo de edição.



1 hora de áudio;

1000 fotografias que registram vários momentos do cotidiano na Aldeia Moygu.

f) Levantamento sociolingüístico

Foram aplicados 216 questionários. Diagnóstico apresentado.

g) materiais lingüístico:

uma base de dados com 1000 itens lexicais; 157 ilustrações resultantes da oficina de desenho

IV. PROJETO KANOE

a) Equipe

Laércio Bacelar (Coordenador)

Gilmar Ferreira da Silva (Auxiliar de pesquisa)

José Augusto Kanoê (Colaborador Kanoê)

b) Povo

(classificação lingüística é uma língua isolada), hoje tem somente 5 falantes dos quais 03 são monolíngües encontram-se na Área Indígena do Omeré, Município de Corumbiara, sul de Rondônia, e os 02 são bilíngües (português/kanoé), já muito idosos, vivem nas Áreas Indígenas e Rio Guaporé e Sagarana, no vale do Rio Guaporé, também em Rondônia.

c) Registros

No período de 25/02 a 10/04, a equipe do Projeto "Etnografia e Documentação da Língua Kanoé", que integra o PRODOCLIN, realizou o trabalho de campo em duas fases:



27 horas de vídeo;

4h e 12min de áudio;

1.800 fotografias que registram vários momentos do cotidiano

d) Levantamento sociolingüístico

Apresentaram o Diagnóstico sociolingüístico.

e) materiais lingüísticos:

Cartilha Kanoê Nova

Kanoé.Relat.Trab.Campo

Geneal.Familias.Kanoé

KAN.Koê.Dictionary 2

Rel.Censo.Socioling. Kanoé

Voc.CompKanoé

Etnomedicina Kanoé

V. PROJETO KARAJA-JAVE-XAMBIOA

a) Equipe

Cristiane Oliveira da Silva (Coordenador)

Chang Wan

Mawsi Karajá (Pesquisador Indígena)

Hatawaki Karajá (Pesquisador Indígena)

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site: prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



Marcus Maia (Orientação e assessoria científica)

b) Povo

Somos o povo Iny, mais conhecidos pela sociedade nacional como os Karajá. Juntamente com os nossos parentes Javaé (Ixãju mahãdu) e Xambioá (Ixã biòwa), também conhecidos como os Karajá do Norte, habitamos imemorialmente a Ilha do Bananal, formada pelos rios Araguaia e Javaés, e cercanias, numa região que compreende as fronteiras entre os estados de Tocantins, Mato Grosso e Goiás.

b.1) Localização

As aldeias de Santa Isabel do Morro (Hawalò) e Fontoura (Botõiry), atualmente com 652 e 611 habitantes, respectivamente, são as que concentram as maiores comunidades Karajá e as que maior vigor tem demonstrado na preservação de suas tradições culturais. Nestas, como em São Domingos (Krehawa), e várias outras aldeias menores ao longo do Rio Araguaia, as crianças adquirem o Iny rybe (“a fala dos Iny”), como língua materna na primeira infância, só aprendendo posteriormente o português (tori rybe) com o início da escolarização.

c) Língua

A língua Karajá ou Inyrybe pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê, e apresenta três variantes dialetais, a saber, o Karajá propriamente, com variantes do sul e do norte, o Javaé e o Xambioá. Esses dialetos são mutuamente inteligíveis, possuindo, fundamentalmente, a mesma morfo-sintaxe, restringindo-se as diferenças entre eles ao plano lexical e fonético. Além disso, há em todos os dialetos, diferenças entre a fala do homem e a da mulher.

d) Oficina



d.1) Julho de 2010

Oficina de treinamento e trabalho com o Pesquisador Indígena Woubedu Karajá, entre os dias 13 e 29 de julho de 2010. O objetivo da oficina era a construção de um banco de dados lexicais, através da checagem e revisão de listas anteriormente já produzidas. O banco de dados foi organizado em campos semânticos:

Animais: 45 itens

Peixes: 14 itens

Comida: 29 itens

Números: 20 itens

Partes do corpo: 45 itens

Cores: 9 itens

Adjetivos: 46 itens

Nomes comuns: 49 itens

Cultura material: 65 itens

Adornos e indumentária: 19

Verbos: 75 itens

Parentesco: 49 itens

Faixa etária: 22 itens

Natureza: 35 itens

No total reunimos 522 itens lexicais em 14 campos semânticos, com as versões masculinas e femininas das variantes dialetais, a tradução para o português, e uma frase empregando o termo em questão.

e) Registros

30 fitas minidy;

9h e 33min de áudio;

1332 fotografias



f) Levantamento sociolingüístico

Foram aplicados 49 questionários sociolingüísticos nas duas maiores aldeias Karajá: Hawaló (Santa Isabel do Morro – 652 habitantes) e Botoiry (Fontoura – 611 habitantes), nos meses de fevereiro e março de 2009.

VI. PROJETO KAWAIWETE

a) Equipe

Suzi Oliveira de Lima (Coordenadora)

Didier Demolin (pesquisador)

Jewyt Kaiabi (pesquisador indígena)

Jowosipep Kaiabi (pesquisador indígena)

Pikuruk Kaiabi (pesquisador indígena)

b) Povo

O povo indígena Kawaiwete (Kaiabi) é atualmente um grupo de 1.619 pessoas (segundo censo realizado pela Funasa em 2006/ Instituto socioambiental (Senra 1999)) que vive em maioria no Parque Indígena do Xingu (sendo um dos mais numerosos grupos indígenas dentro do parque) e uma menor parte na terra indígena próxima ao Rio Teles Pires, que é a locação da terra tradicional desta etnia.

Atualmente, os índios que não residem no Parque Indígena do Xingu (Apiaká, localizada no Tatumy (TI Apiaká-Kayabi e os moradores do Baixo Teles Pires, em uma Terra Indígena localizada já no estado do Pará) praticamente não falam mais a língua nativa, tal como os próprios Kaiabi já observaram e como é previsível, dado que eles estão muito mais suscetíveis, dada a proximidade de falantes de português como língua nativa, do que os índios que vivem no Xingu.



c) Língua

A língua Kaiabi pertence ao Tronco Tupi, família Tupi Guarani.

d) Oficina

d.1) Julho 2009 – Oficina de língua falada e escrita em Kayabi (produzida pelo Instituto Socioambiental, conduzida por Suzi Lima)

d.2) Julho 2010 – Oficina de escrita Kawaiwete (produzida pelo Instituto Socioambiental/PRODOCLIN, conduzida por Suzi Lima)

e) Registros

11 fitas minidv

12h de áudio

299 fotos

f) Levantamento sociolingüístico

A presente análise sociolingüística corresponde à aplicação de questionário de avaliação sociolingüística em 9 aldeias localizadas no Território Indígena do Xingu Aiporé (54 questionários), Sobradinho (92questionários), Caiçara (29 questionários), Iguaçu (20 questionários), Moitará (16), Três irmãos (52 questionários), Capivara (92 questionários), Diauarum (122 questionários) e Tuiararé (75 questionários). O número total de questionários aplicados foi 552 questionários. Destes, 503 foram preenchidos com a presença da linguista Suzi Lima em 2008, com o suporte do Instituto Socioambiental. Os outros foram preenchidos pelo pesquisador indígena Pikuruk Kawaiwete (aldeias Iguaçu e Caiçara) em 2010 como atividade do PRODOCLIN.

A PESQUISADORA ENTREGOU:

(1) banco ou lista de dados lexicais, baseado na lista de Swadesh ampliada, com um mínimo de 500 itens lexicais, organizados em campos semânticos, elicitados, gravados em áudio e



digitados em Excell ou Toolbox (com transcrição fonética e, se possível, ortográfica, tradução, categoria como parte-do-discurso, exemplo(s) de ocorrência);

(2) documento técnico sobre a oficina de capacitação para os índios, com avaliação do envolvimento e do trabalho dos pesquisadores indígenas, com registro em vídeo e/ou fotográfico.

Documento técnico detalhado (relatório) do registro de 4 h de gravação áudio-vídeo, de diferentes gêneros de fala ou eventos verbais; (2) envio das sessões resultantes dessas 4 horas de gravação, devidamente rotuladas, já digitalizadas, acompanhadas de seus respectivos metadados (1ª etapa).

Documento técnico detalhado (relatório) do registro das 6 h restantes de gravação áudio-vídeo, de diferentes gêneros de fala ou eventos verbais; (2) envio das sessões resultantes dessas 6 horas de gravação, devidamente rotuladas, já digitalizadas, acompanhadas de seus respectivos metadados (2ª etapa). E 05 textos e materiais elaborados para atualizar a homepage e a base de dados do projeto.

VII. PROJETO KĪSĒDJĒ

a) Equipe

Rafael Bezerra Nonato (Coordenador)

Kawiri Suyá (Pesquisadores indígenas)

Jamtô Suyá (Pesquisadores indígenas)

Marcela Coelho de Souza (Assessoria Antropológica)

b) Povo

A maioria dos seus cerca de 450 falantes vivem em quatro aldeias dentro da Terra Indígena



Wawi, num território contíguo ao Parque Indígena do Xingu. O kisêdjê é a língua de uso majoritário nas quatro aldeias.

c) Língua

Este projeto visa à documentação da língua kīsêdjê (família Jê, tronco Macro-Jê, também conhecida como suyá). Apesar do grande número de casamentos inter-étnicos (sobretudo com outros índios do Parque Indígena do Xingu), os descendentes dessas uniões geralmente tem o kisêdjê como língua primária e um conhecimento apenas passivo da língua falada pelo genitor não-kisêdjê.

d) Oficina

Oficina de treinamento em documentação linguística

e) Registros

e.1) Primeira viagem de campo: Novembro - Janeiro/2009

Foram gravados um total de 14 horas e 54 minutos, divididos entre:

- 23 narrativas com o consultor Kuiussi Suyá; 12 narrativas com o Tepmãjswâttxi Suyá.
No total as narrativas somas 8 horas e 1 minuto. Somente as narrativas de Tepmãjswâttxi foram registradas em vídeo.



Narrador	Narrativa	Duração (minutos)
Kuiussi	Ho ro sujarēni	14:35
Kuiussi	Ho ro suarēni (versão resumida)	04:38
Kuiussi	Kupyttxirowo	12:31
Kuiussi	Ktxêjkokamby (krari)	22:17
Kuiussi	Ktxêjkokamby (sindo)	22:54
Kuiussi	Kupē krōttxi	22:28
Kuiussi	Nhōtē kām sáktxi	04:31
Kuiussi	Pote krā ro ngrá	09:10
Kuiussi	Twā nhō ngô	10:23
Kuiussi	Wanājē tō tik kām twā	17:56
Kuiussi	Angrētxi	14:09
Kuiussi	Imā kujhwānā	11:01
Kuiussi	Kandikwāj nin kwē mbānrātxi	09:02
Kuiussi	Komdu tántwārā nhy nhō re mē ro sárá	16:02
Kuiussi	Ōjtō	09:28
Kuiussi	Ndjun wē ngô kandê	11:43
Kuiussi	Ndwānti jambyn kandê	12:14
Kuiussi	Ngô kukatyk támtwā	34:31
Kuiussi	Mē sándjê	45:38
Kuiussi	Kahrāntxinti pīrī	14:51
Kuiussi	khátpyre mē ro thuru ra	08:59
Kuiussi	khátpyre wajanga pīrī ra	13:47
Kuiussi	Sīndô kre hōkô	16:10
Tepmājswáttxi	Akatxi ngere ro sujarēni	04:30
Tepmājswáttxi	Kahrān ngere ro sujarēni	03:25
Tepmājswáttxi	Mben ngere ro sujarēni	06:07
Tepmājswáttxi	Mbottxi kām sáktxērē ro sujarēni	01:01
Tepmājswáttxi	Pekáromy	37:22
Tepmājswáttxi	Kên krā ngráro nōrō	29:27
Tepmājswáttxi	Anhi wē hrō pīrī	01:31
Tepmājswáttxi	Jarumā kapērē	02:27
Tepmājswáttxi	Jarumā re pá khôt mōrō	07:58
Tepmājswáttxi	Kahrā ngndjangotire hrō ro tēmē	08:40
Tepmājswáttxi	Kupē hwīre	07:16
Tepmājswáttxi	Kupē jamry	05:06



- 6 horas e 21 minutos de cantos

Cantor	Gênero	Duração (minutos)
Kuiussi	Mbottxi ngere	07:31
Tepmãjswâttxi	Akatxi ngere	22:28
Tepmãjswâttxi	Kahrân ngere	13:23
Tepmãjswâttxi	Akatxi ngere	25:53
Tepmãjswâttxi	Kahrân ngere	25:40
Tepmãjswâttxi	Akatxi ngere	26:52
Tepmãjswâttxi	Kahrân kasáká	28:27
Tepmãjswâttxi	Mbottxi kãm sáktxêrê	10:46
Tepmãjswâttxi	Mben ngere	23:11
Tepmãjswâttxi	Mbottxi kãm sáktxêrê	21:37
Coletivo	Akatxi ngere	50:32
Coletivo	Akatxi ngere	09:34
Coletivo	Mẽ sáktxêrê	18:12
Coletivo	Kahrân ngere	97:02

- Os recitativos tratam-se de um gênero em vias de desaparecimento; os poucos conhecedores desse gênero são idosos e o seu conhecimento não está sendo passado adiante. A sessão contendo os recitativos se estende por 30 minutos e é complementada por uma entrevista de 21 minutos feita pelo pesquisador indígena Kawiri Suyá aos consultores Ropndotxi Suyá e Kuiussi Suyá.

- Três sessões totalizando 31 minutos de palavras e frases contendo cada uma das aproximadamente 700 entradas lexicais do banco de dados Toolbox do Projeto.

- fitas enviadas pelo membro da equipe do projeto Marcela Coelho:

- KS-20091227-RN-RP

- KS-20100103-KW-JT-NP

- KS-201001-AMTÔ01

- KS-201001-AMTÔ02

- KS-201001-AMTÔ03



- KS-201001-AMTÔ04

- KS-201001-AMTÔ05

e.2) Segunda viagem de campo: 20 de julho a 20 de agosto de 2010

Resultados: uma oficina de transcrição de textos com o programa Transcriber, uma oficina de reforma ortográfica, gravação de novos textos, reviso das transcrições e traduções feitas pelos pesquisadores indígenas no período de janeiro a julho de 2010, gravação de frases para investigação específica das propriedades supra-segmentais da língua kisêdjê e realização de sessões de elicitación com o fim de estudar as estruturas da língua.

Produtos enviados nos DVDs anexos:

- sessões de elicitación e banco de dados lexical (em formato de projeto do Toolbox)
- pastas com novas sessões (e sessões modificadas)
- pastas de sessão com transcrições novas de alunos-pesquisadores e pesquisadores indígenas
- fotos tiradas durante a estada em campo

1 fita mdv

total:

16 fitas minidv;

26h19 de áudio;

2.015 fotos

f) Levantamento sociolingüístico

O coordenador do projeto alega a impossibilidade de aplicar questionários sócio-lingüísticos pelo fato da comunidade não está preparada para a realização de um desta atividade.



VIII. PROJETO MAXAKALI

a) Equipe

Sandro Campos

Rosângela de Tugny

Fábio Bonfim

b) Povo

O povo é autodenominado Tikmũ'ũn. O povo Maxakalí se localiza atualmente em quatro municípios do Vale do Mucuri:

b.1) Terras Indígenas de Água Boa e Pradinho (municípios de Santa Helena de Minas e Bertópolis, MG) - 5.305,67 ha.

Situação: Regularizada.

População: 1165

b.2) Terra Indígena de Aldeia Verde (município de Ladainha, MG) - 522,72 ha. Situação: adquirida pela FUNAI.

População: 230

b.3) Terra indígena de Cachoeirinha (município de Teófilo Otoni, MG) - 606,19 ha.

Situação: adquirida pela FUNAI.

População: 70

c) Língua

A língua Maxakalí pertence ao tronco Macro-jê e à família homônima Maxakalí (Rodrigues, 1986), à qual também pertenciam as línguas Pataxó, Kapoxó, Monoxó, Coropó, Makoní e

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • [site: museudoindio.gov.br](http://site:museudoindio.gov.br) / www.museudoindio.gov.br



Malalí. O Maxakalí é atualmente a única língua ainda viva da família Maxakalí, à qual, juntamente com outras, cujo número varia entre quatorze e dezesseis, pertence ao tronco linguístico Macro-Jê.

d) Oficina

Oficina em setembro de 2010: treinamento e manuseio de equipamentos audiovisuais (câmera, filmadora e gravador digital); oficina de noções básicas de computação.

e) Registros

15 fitas minidv

80 arquivos sonoros

3.426 fotos

f) Levantamento sociolingüístico

A equipe ainda não realizou o levantamento sociolingüístico

IX. PROJETO NINAM

a) Equipe

Helder Perri Ferreira (Coordenador)

Gale Goodwin Gómez (pesquisadora)

Gérson Levi Lazzaris (pesquisador)

Mana Yaroam (Pesquisador indígena)

Ivan Xiriana (Pesquisador indígena)

Albino Xiriana (Pesquisador indígena)

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site: prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



b) Povo

A língua Ninam é um dos subgrupos lingüísticos do povo Yanomami. Albert, Milliken e Goodwin Gomez (no prelo) mencionam a seguinte dimensão demográfica dos povos Yanomami: “Os Yanomami ocidentais (Yanomami), situados em sua maioria na Venezuela, constituem 59% dessa população, seguidos pelos Yanomami orientais (Yanomae), situados em sua maioria no Brasil, constituindo aproximadamente 21% da mesma. Os Sanima, maioria na Venezuela, representam cerca de 17% da etnia e os Ninam apenas 3% (no Brasil).

Mais de 30.000 Yanomami habitam uma região de difícil acesso numa área de 192 mil km quadrados de floresta tropical nos dois lados da fronteira entre Brasil e Venezuela. Baseado no censo do Distrito Sanitário Yanomami da FUNASA de 2006, calcula-se que “a população Yanomami no Brasil em aproximadamente 15.500 pessoas, repartidas em 249 grupos locais. Essa população ocupa a região do alto rio Branco (oeste do estado de Roraima) e a margem esquerda do rio Negro (norte do Estado do Amazonas)” – Albert, Milliken e Goodwin Gomez, no prelo. A maioria dos falantes do Ninam vivem no Brasil ao leste e sudeste do território Yanomami.

c) Língua

Este projeto focaliza-se na documentação da língua Ninam, que representa 3% da população total do povo Yanomami. As línguas Ninam, Yanomami, Yanomae e Sanima compõem a família lingüística Yanomama, que até o presente é considerada isolada e sem relação genética demonstrada com outras línguas ameríndias.

d) Oficina

d.1) Oficina para Pesquisadores Indígenas – linguistas (Rio de Janeiro, Dezembro/2009); PRODOCLIN – organizada pela gestora científica Mara Santos;

d.2) Oficina de treinamento em documentação linguística

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site:prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



e) Registros

e.1) Primeira viagem de campo: Abril – Julho/2010

Produção de registros sonoros e em vídeo das línguas ninam e yaroam em seus diferentes gêneros de fala e eventos comunicativos.

34 horas de registro em vídeo; 15 delas foram gravadas em Maimasi, e 5 em Ericó, outras 14 em Uxiu.

116 horas de gravações de áudio;

5000 fotografias.

Dezenas de sessões de elicitación também foram organizadas para coletar dados que melhor explicassem a relação genética entre as variedades lingüísticas faladas nas áreas visitadas, consideradas por diversos autores dialetos da mesma língua.

Durante os 120 dias que passou em campo, a equipe composta pelos lingüistas Helder Perri Ferreira e Gale Goodwin Gómez, pelo etno-arqueólogo Gérson Levi Lazzaris e pelos pesquisadores indígenas Mana Yaroami, Ivan Xirixana e Albino Xiriana, trabalhou na produção de registros sonoros e em vídeo das línguas ninam e yaroami em seus diferentes gêneros de fala e eventos comunicativos. Em total a equipe produziu 116 horas de gravações de áudio, 34 horas de registro em vídeo além de mais de 5000 fotografias. Dezenas de sessões de elicitación também foram organizadas para coletar dados que melhor explicassem a relação genética entre as variedades lingüísticas faladas nas áreas visitadas, consideradas por diversos autores dialetos da mesma língua. Como contribuição ao conhecimento e valorização da diversidade lingüística do Brasil, o projeto se alegra em comunicar que produziu os primeiros registros da língua yaroami, uma língua da família yanomami absolutamente não-documentada (não há sequer uma lista de dez palavras da língua). Os esboços gramaticais do ninam e do yaroami que o projeto também está produzindo apontam claramente para a existência de duas línguas com importantes diferenças no seu inventário fonológico, morfo-sintaxe e léxico, o que explica a baixa inteligibilidade mútua entre o ninam (falado em Uxiu e



Ericó) e o yaroam (falado na região da Serra do Pacu) registrada nos testes informais realizados entre os falantes dessas variedades. Com base nos dados da fonologia do yaroami, o projeto ainda desenvolveu uma proposta ortográfica para a língua (o ninam já tem ortografia e está sendo escrito há mais de 30 anos) e espera-se que tanto esta proposta como o esboço gramatical possam apoiar o trabalho dos educadores locais na formação de professores yaroami e na produção de material didático que se iniciará em 2011. O projeto ainda está desenvolvendo um dicionário interativo multimídia do yaroami (haverá uma versão similar em ninam) que contará com aproximadamente 2000 entradas e está sendo amplamente ilustrado com fotografias e vídeos. O dicionário conta com a colaboração de diversos biólogos-pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) que, ademais de assessorar os lingüistas do projeto na obtenção dos dados em campo, gentilmente cederam suas fotografias e registros sonoros das plantas e animais de sua especialidade para ilustrar o dicionário digital.

f) Levantamento sociolingüístico

f.1) Diagnóstico Sociolingüístico da Região de Ericó - Roraima - Terra Indígena Yanomami (TIY) Foram aplicados 15 “questionários sobre a situação lingüístico da comunidade” (Museu do Índio, 2009) preenchidos com informações de 15 pessoas (13 homens e 2 mulheres).

f.2) Diagnóstico Sociolingüístico das comunidades da Serra do Pacu – Maimasi, Koroasi, Maamasi, Arahana e Hehupi

f.3) Diagnóstico Sociolingüístico da comunidade do Uxiu

g) materiais lingüísticos:

2000 entradas lexicais com tradução e exemplos na língua.



X. PROJETO PARESI

a) Equipe

Coordenador: Glauber Romling da Silva (Doutorando em Linguística, UFRJ);

Pesquisador Indígena: Genivaldo Zezokaece (Professor da Escola Municipal Indígena do Formoso);

Pesquisador Indígena: Jurandir Zezokiware (Professor da Escola Municipal Indígena do Formoso e acadêmico do Projeto Hayô).

b) Povo

O povo paresi auto-denomina-se haliti (gente, povo) . Sua língua pertence à família linguística Arawak e é falada em cerca de cinquenta aldeias, à noroeste do estado de Mato Grosso, Amazônia Meridional brasileira, distribuídas em dez áreas indígenas – Estação Parecis (25 habitantes), Estivadinho (33), Figueiras (23), Juininha (74), Pareci (838), Ponte de Pedra (12), Rio Formoso (146), Uirapuru (227), Umutina (?) e Utiariti (249) (ISA, 2007), somando 1649 pessoas. Os Paresi são compostos por cinco subgrupos étnicos: Kozarene (compreendidos pelos Eno Maniyere e Kabizi), Waimare, Kaziniti, Warare e Kawali.

b.1) Localização

As áreas paresi cortam 7 municípios: Tangará da Serra, Conquista do Oeste, Barra do Bugres, Sapezal, Campo Novo dos Parecis, Nova Marilândia e Diamantino.

c) Língua

A maioria dos linguistas refere-se à família arawak indicando o grupo de línguas inquestionavelmente relacionadas e facilmente reconhecíveis pelos prefixos pronominais nu- ou ta- para primeira pessoa do singular e pi- para a segunda pessoa do singular, prefixo relativo ka- e negativo ma- (AIKHENVALD, 1999, p. 73). Além disso, o grande corte interno



nas línguas arawak dá-se entre as arawak do Norte e as do Sul, pois há um número bastante razoável de fenômenos gramaticais que as distinguem. O Paresi insere-se no agrupamento das nu-arawak.

d) Oficina

Os jovens paresi, no período de agosto a dezembro de 2009, receberam treinamento para o manuseio de equipamento audiovisual (câmera de vídeo e máquina fotográfica). Os pesquisadores-consultores escolhidos, além desse treinamento, também receberam aulas de métodos de coleta de dados, com gravadores Solid State (Marantz PMD-660), arquivamento, com IMDI (programa que gera metadados) e transcrição, com ELAN (programa desenvolvido para a anotação de dados).

Os treinamentos aconteceram em duas oportunidades: na aldeia Formoso (Hohako), em Tangará da Serra, Mato Grosso, e no Rio de Janeiro, em oficina realizada pelo Museu do Índio em dez 2009.

e) Registros

Viagem de campo: 28 de agosto a 12 de dezembro de 2009.

Os dados obtidos em viagem de campo entre 28 de agosto e 12 de dezembro de 2009, registrados por Glauber Romling da Silva, coordenador do projeto Documentação de uma língua Arawak do sul: o Paresi-Haliti, entre os dias 28 de agosto e 12 de dezembro de 2009, na Área Indígena do Formoso, em aldeia homônima, município de Tangará da Serra, estado de Mato Grosso, com a participação e assessoria técnico-cultural de Genivaldo Zezokaece e Jurandir Zezokiware, professores da Escola Indígena do Rio Formoso e pesquisadores-consultores indígenas.

32 horas de áudio gravados em Solid-State (Marantz PMD-660), já com metadados;

26 horas de vídeo (narrativas mítico-históricas, cânticos, discursos formulaicos (conselhos, oferendas, etc.) e conversas informais) digitalizados e editados, resultando em:

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site:prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



59 arquivos no formato *.mpg para uso em programas de análise lingüística;

26 DVD que serão enviados à comunidade;

700 fotos de diferentes campos temáticos

f) Levantamento sociolingüístico

Aplicação do “Questionário sobre a situação lingüística da comunidade, cujo modelo foi provido pelo Museu do Índio. Foram preenchidos 15 questionários.

g) materiais lingüísticos:

uma base de dados com 500 itens lexicais

XI. PROJETO RIKBAK TSA

a) Equipe

Léia de Jesus Silva (Coordenador)

Andrés Pablo Salanova

Adriana Romano Athila

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda

Eriberto Nabita

João Txaputai

Juarez Payme

b) Povo

Os Rikbaktsa, com uma população estimada em 1.600 pessoas (dados da Associação do Povo Indígena Rikbaktsa), habitam a região norte do estado do Mato Grosso, em 40 aldeias,

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site:prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



distribuídas nas Terras Indígenas Rikbaktsa, Japuira e Escondido, às margens dos rios Juruena, Sangue e Arinos. Os primeiros registros deste povo datam da década de 1940, quando teve início um terceiro ciclo da borracha naquele estado.

c) Língua

Única língua da família de mesmo nome, o Rikbaktsa foi classificado por Boswood (1971) e Rodrigues (1986) como pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê. A situação lingüística dos Rikbaktsa é caracterizada pelo predomínio de bilingüismo dos mais velhos, que falam Rikbaktsa e Português, e de monolinguismo em Português, dos adultos com menos de 40 anos, jovens e crianças. Há menos de uma dezena de falantes, todos idosos, monolíngües ou com pouquíssimo conhecimento do Português. Apenas os mais velhos usam o Rikbaktsa como língua de comunicação oral no cotidiano. O Português é a língua de instrução nas escolas, ficando a língua tradicional restrita aos dias de “aula de língua”.

d) Oficina

Foram realizadas duas Oficinas de apresentação conjunta dos Projetos de Documentação da Língua (PRODOCLIN) e da Cultura Rikbaktsa (PROCULT). Uma oficina na aldeia Pé de Mutum e outra na Barranco Vermelho.

e) Registros

08 fitas minidv

4h40 de áudio

139 fotos

f) Levantamento sociolingüístico

Foram aplicados 150 questionários. A pesquisadora já enviou o diagnóstico sociolingüístico.



XII. PROJETO SHĀWĀDAWA

a) Equipe

Emerson Carvalho de Souza (Pesquisador principal)

João Paulo Jeannine de Andrade Carneiro

b) Povo

Habitam a região do alto Juruá, no estado do Acre. O grupo indígena Jaminawa-Arara possui uma língua denominada Arara que é um membro da família Pano. Nesta região do rio Bagé há mais ou menos 108 pessoas vivendo nas comunidades que estão distribuídas em duas aldeias: São Sebastião e Buritizal. Ambas as comunidades pertencem ao município de Marechal Thaumaturgo, no Estado do Acre. Um outro grupo falante da língua Arara é o Shawãdawa; que possui 7 falantes em um universo de aproximadamente 230 pessoas, localizadas às margens do igarapé Humaitá, município de Cruzeiro do Sul, Acre.

c) Língua

Língua seriamente ameaçada, com apenas sete falantes nativos. As crianças não têm mais contato com a língua e o português brasileiro tornou-se a língua de prestígio dentro da comunidade.

d) Oficina

Oficina de treinamento em documentação linguística

e) Registros

Viagem de campo: janeiro a março de 2010, resultando em:

48 fitas minidv



15h de áudio

4.000 fotos

f) Levantamento sociolingüístico

98 questionários divididos nas seguintes comunidades:

Raimundo do Vale: 34

Foz do Nilo: 17

Paz: 15

Matrinxã: 13

São Luiz: 8

Nova Morada: 6

Santo Antônio: 4

g) materiais lingüísticos:

durante a estadia da equipe em campo, a equipe desenvolveu uma oficina de desenho com o tema 'mapas', desta oficina resultaram vários desenhos de mapas das aldeias.

XIII. PROJETO YAWANAWA

a) Equipe

Tiago Coutinho da Silva – lingüista (coordenador)

Marcos de Almeida Matos– Filósofo, professor da Universidade Federal do Acre (pesquisador)

Ingrid Weber - Antropóloga (pesquisador)



Lívia Tavares – lingüista (pesquisador)

Maria Júlia Yawanawá – Pesquisadora indígena, graduanda em Letras

Maria de Fátima Sheketeshke – Pesquisadora indígena, professora alfabetizadora

b) Povo

Yawanawa quer dizer ‘povo da queixada’ (Yawa – queixada; nawa – povo). Apesar de se autodenominarem simplesmente yura (gente), os Yawanawa se orgulham desse etnônimo e se identificam com o porco selvagem. Como outros grupos pano, o povo yawanawa é a resultante de uma longa dinâmica de alianças, guerras e migrações, sendo bastante complexas as razões e os processos históricos que levaram à formação de um grupo coeso e falante de uma língua comum. Atualmente, são cerca de 565 pessoas (censo, 2010), vivendo na Terra Indígena Rio Gregório, no estado do Acre.

b.1) Localização

Os Yawanawa habitam as margens do rio Gregório desde tempos imemórias. A Terra Indígena Rio Gregório foi demarcada em 1984 (homologada em 1991), com a superfície de 92.859 hectares. Posteriormente, em 2005, foi feita uma revisão de limites; foram incluídas as cabeceiras do rio e a terra indígena passou a medir 187.395 hectares. A Terra Indígena Rio Gregório está localizada na região do município de Tarauacá, estado do Acre, no sudoeste da Amazônia brasileira.

c) Língua

A língua yawanawá pertence ao tronco linguístico pano. De acordo com a classificação de d’Ans (1973), a língua yawanawa faz parte do grupo Pano das Cabeceiras, no sub-grupo Pano-Purus (de Paula, 2004). Loos classifica a língua yawanawa como pertencente ao sub-grupo



Yaminawa – juntamente com as línguas yaminawa, amawaca, cashinawa, sharanawa, chitonawa, yoranawa/nawa, moronawa, mastanawa (Loos, 1999).

d) Oficina

d.1) Oficina de computação/informática

d.2) Oficina de filmagem e gravação de áudio

e) Registros

e.1) Primeira viagem de campo: dezembro de 2009 – janeiro de 2010

26 fitas de mini-dv;

3h58 áudio

350 fotos.

e.2) Segunda viagem de campo:

6 fitas minidv

11h de áudio;

1.534 fotos;

f) Levantamento sociolingüístico

aplicaram os questionários.



3.2 Total de arquivos de vídeo, áudio e fotos:

262 fitas de mdv

281 horas gravadas

21.624 fotos

4- Entrega dos produtos:

Os produtos definidos e datas de entregas estão resumidos na tabela (1) abaixo. Cada equipe dos 13 projetos, ao assinarem os contratos, se comprometeram entregá-los seguindo o calendário.



tabela-1

ATIVIDADES/PRODUTOS/PAGAMENTO	
Nº DO PRODUTO	DESCRIÇÃO DO PRODUTO
01	a) Documento técnico contendo relação (listagem com referências completas) de material bibliográfico (lingüístico e antropológico, se houver arqueológico e provenientes de outros campos de pesquisa) e documental (documentos de arquivos, fotográfico, filmográfico, etc.) levantado sobre a(s) língua(s) a ser(rem) documentadas e a(s) respectivas comunidade(s) indígena(s).
02	b) Questionário de avaliação da oficina de treinamento em documentação lingüística e oficinas de treinamentos dos usos dos programas de análises lingüísticas. (ver roteiro).
03	c) Documento técnico (relatório) contendo descrição detalhada do processo de solicitação da anuência do povo indígena acompanhado do pré-projeto submetido com documentação em vídeo (se possível, mas recomendado).
04	d) Texto contendo a relação das fontes documentais e bibliográficas levantadas (produto XX), com comentários detalhados, visando sua divulgação na homepage do projeto.
05	e.1) Conjunto de documentos de consolidação do trabalho de campo (1ª etapa), contendo: (1) documento técnico (relatório), qualitativo e quantitativo, dos dados obtidos em campo, (2) envio dos registros áudio-vídeo (fitas de vídeo originais e arquivos WAV das gravações áudio), 10 horas de gravação no mínimo de diferentes gêneros de fala e eventos verbais; (3) diagnóstico sociolingüístico (em forma de texto, sempre que possível aplicar o questionário, adaptado, com sucessiva análise quantitativa e qualitativa).
06	e.2) Conjunto de documentos de consolidação do trabalho de campo (2ª etapa), contendo: (1) banco ou lista de dados lexicais, baseado na lista de Swadesh ampliada, com um mínimo de 500 itens lexicais, organizados em campos semânticos, elicitados, gravados em áudio e digitados em Excell ou Toolbox (com transcrição fonética e, se possível, ortográfica, tradução, categoria como parte-do-discurso, exemplo(s) de ocorrência); (2) documento técnico sobre a oficina de capacitação para os índios, com avaliação do envolvimento e do trabalho dos pesquisadores indígenas, com registro em vídeo e/ou fotográfico.
07	f.1) Documento técnico detalhado (relatório) do registro de 4 h de gravação áudio-vídeo, de diferentes gêneros de fala ou eventos verbais; (2) envio das sessões resultantes dessas 4 horas de gravação, devidamente rotuladas, já digitalizadas, acompanhadas de seus respectivos metadados (1ª etapa).
08	f.2) (1) Documento técnico detalhado (relatório) do registro das 6 h restantes de gravação áudio-vídeo, de diferentes gêneros de fala ou eventos verbais; (2) envio das sessões resultantes dessas 6 horas de gravação, devidamente rotuladas, já digitalizadas, acompanhadas de seus respectivos metadados (2ª etapa). E 05 textos e materiais elaborados para atualizar a homepage e a base de dados do projeto.



Tabela 2

Pesquisador (a)	Parcela 1	Parcela 2	Parcela 3	Parcela 4	Parcela 5	Parcela 6	Parcela 7	Parcela 8
ANGELA FABIOLA	18.08.09	05.10.09	16.11.09	11.12.09	02.02.10	05.04.10	20.05.10	14.06.10
CARLO CAMPOS	01.02.10	18.03.10	27.04.10	22.05.10	01.07.10	20.08.10	24.09.10	23.11.10
CILENE CAMPETELA	18.08.09	05.10.09	16.11.09	11.12.09	02.02.10	04.05.10	20.05.10	14.06.10
CRISTIANE DA SILVA	25.11.09	09.01.10	18.02.10	15.03.10	24.04.10	13.06.10	18.07.10	20.09.10
EMERSON DE SOUZA	18.08.09	05.10.09	16.11.09	11.12.09	02.02.10	05.04.10	20.05.10	14.06.10
GLAUBER DA SILVA	13.09.09	29.10.09	09.12.09	04.01.10	14.02.10	06.04.10	12.05.10	09.07.10
HELDER FERREIRA	19.11.09	03.01.10	12.02.10	09.03.10	18.04.10	07.06.10	12.07.10	14.09.10
LAÉRCIO BACELAR	18.08.09	05.10.09	16.11.09	11.12.09	02.02.10	05.04.10	14.06.10	16.06.10
LÉIA DE JESUS SILVA	05.01.10	19.02.10	31.03.10	25.04.10	04.06.10	24.07.10	28.08.10	27.10.10
RAFAEL NONATO	18.08.09	05.10.09	16.11.09	11.12.09	02.02.10	05.04.10	20.05.10	14.06.10
SUZI DE LIMA	18.08.09	05.10.09	16.11.09	11.12.09	02.02.10	05.04.10	20.05.10	14.06.10
THIAGO COUTINHO	28.08.10	22.09.10	11.11.10	16.12.10	14.02.11			
WILSON SILVA	31.05.10	15.07.10	24.08.10	18.09.10	28.10.10	17.12.10	21.01.11	22.03.11



Resumo do quadro de entrega dos produtos:

Os projetos têm seus contratos finalizados com a entrega do último produto proposto. Abaixo apresentamos a situação atual de contrato de cada projeto.

Projetos com contratos finalizados:

-contrato 18.08.2009 a 14.06.2010:

Ikpeng – coord: Ângela Fabíola

Apiaka – coord: Cilene Campetela

Kanoe – coord: Laércio Bacelar

Kawaiwete – coord: Suzi Lima

Kisedje – coord: Rafael Nonato

Shawadawa – coord: Emerson de Souza

-contrato 13.09.09 a 09.07.10

Paresi – coord: Glauber da Silva

-contrato 19.11.09 a 14.09.10

Ninam – coord: Helder Ferreira

-contrato 25.11.09 a 20.09.10

Karaja – coord: Cristiane da Silva



Projetos com contratos finalizados mas, com produtos atrasados:

contrato 01.02.2010 a 23.11.2010

Carlo Campo, coordenador do projeto Maxakali, não entregou os produtos 05, 06, 07 e 08. Alega dificuldade e tempo em finalizar os produtos.

contrato 05.01.2010 a 27.10.2010

Léia de Jesus, coordenadora do projeto Rikbaktsa. Faltam os produtos 06, 07 e 08, alegou dificuldades em finalizar os produtos. No momento encontra-se organizando os materiais que trouxe em sua última viagem a campo.

Thiago Coutinho, coordenador do projeto Yawanawa – o contrato findou no mes de fevereiro

Wilson da Silva, coordenador do projeto Desano – contrato finda no mes de março.

No total são: 9 projetos com contratos findados; 3 projetos com produtos atrasados e 1 projeto com contrato vigente.



5- OFICINAS DE TREINAMENTO EM DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS REALIZADAS PELAS EQUIPES DOS PROJETOS NO ANO DE 2010

I. PROJETO DESANO

Oficina lingüístico-pedagógica

Em junho de 2010 o coordenador do projeto, Wilson da Silva realizou oficina lingüístico-pedagógica na comunidade de São Sebastião, no Rio Umari, afluente do Rio Tiquié, com duração de 3 dias, com o objetivo de discutir a criação de uma ortografia unificada para a língua; apresentação do projeto de documentação financiado pela UNESCO e pelo MI.



Revitalização, preservação e documentação de atividades tradicionais. No segundo dia, a comunidade organizou uma celebração tradicional, a ‘festa do dabukuri’, uma festa de agradecimento. Durante a festa, houve apresentações de duas danças tradicionais – dabukuri e kapiwaya – cantos, e outras atividades.

II. PROJETO IKPENG

Oficina de Desenho para produção de livros didáticos - Julho/2010

No período de 18 a 22 de julho, foi ministrada para 10 alunos da comunidade Ikpeng a oficina “Os livros, as ilustrações e as artes gráficas no contexto indígena”, na qual foram produzidos cerca de 50 desenhos que ilustrarão o livro de histórias Ikpeng, a ser produzido com a ajuda das pesquisadoras Angela Chagas e Ingrid Lemos, dos bolsistas indígenas Amtenu Ikpeng e Kay Txikão e colaboração de alguns professores e outros membros da comunidade Ikpeng.





Reunião de Doação do Equipamento - 12 DE JULHO DE 2010

As pesquisadoras do Projeto de Doc. Da L. Ikpeng reuniram-se com a comunidade Ikpeng na Aldeia Nova para:

(i) fazer oficialmente a entrega dosequipamentos doados pelo Museu do Índio à referida comunidade. O material doado compreende:

a) uma câmera filmadora (SONY HDVhandycan);

b) um gravador (Zoom H4n – Handy Recorder);

d)um laptop (HP Pavillion); e

e) 40 DVD cópia de todo o material coletado pelas pesquisadoras na primeira viagem destas para a Aldeia Moygu em setembro/outubro de 2009.





IV. PROJETO KANOÉ

Oficina da língua Kanoé

No período de 25/02 a 10/04, a equipe do Projeto "*Etnografia e Documentação da Língua Kanoé*", que integra o PRODOCLIN, realizou o trabalho de campo em duas fases:

Na primeira etapa, durante duas semanas, na sede da frente de Proteção Etno-Ambiental na T. I. Omeré, os três "Kanoé isolados" receberam a visita de representantes dos Kanoé do vale do Guaporé. Assim, pela primeira vez, num encontro histórico, estavam reunidos os últimos cinco falantes da língua, a saber: os anfitriões Purá, Txinamanty e Bukuá e os idosos Francisco Canoé, da T.I. Rio Guaporé, e Júlio Canoé, da T. I. Sagarana. Os idosos foram acompanhados do cacique José Augusto Kanoé, sua esposa Núzia Makuráp e a pequena Natacha Kanoé. Na oportunidade, o linguista Laércio N. Bacelar apresentou quatro volumes do *Vocabulário Ilustrado Kanoé-Português* e a nova versão da Cartilha Escolar *Kapeãw Kanoé Vararoe* (Vamos Falar Kanoé!), já no alfabeto proposto para a língua. Além disso,

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site:prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



Representação
no Brasil



Ministério
de Justiça



ministrando nove aulas de Kanoé, auxiliado por Purá. Foram realizadas diversas atividades para resgate de elementos culturais da etnia, tal como a confecção de maricos, cestos, danças e etnomedicina. Nessa etapa, o jovem Gilmar Ferreira da Silva, Bolsista Auxiliar de Pesquisa, como cinegrafista e fotógrafo, registrou 14 horas de gravação em DVC e mais de 1500 fotos.



V. PROJETO KARAJA/XAMBIOA/JAVAE

Oficina de Documentação Lingüística

A oficina teve uma duração de quatro dias e contou com a participação dos integrantes da equipe Karajá: Cristiane Oliveira, coordenadora do projeto, ChangWhan, pesquisadora da equipe, e Mawsy Karajá, pesquisador indígena. Todos os membros citados participaram da 2ª Oficina de Documentação organizada pelo PRODOCLIN, onde foram apresentados os equipamentos e softwares necessários para o trabalho a ser desenvolvido. Em Santa Isabel, a oficina foi realizada na escola da aldeia, no turno da manhã.





VI. PROJETO KAWAIWETE

Oficinas realizadas em junho de 2010 sob a coordenação da pesquisadora Suzi Lima.

Oficina 1: Os escritores Kawaiwete: em prol da revitalização da escrita

Oficina 2 (individual): treinamento dos pesquisadores indígenas

No que concerne a primeira oficina (Escritores Kawaiwete), objetivou-se o registro de textos escritos a partir de gêneros textuais diversos. O principal objetivo do projeto era estimular a produção textual dos Kawaiwete e estender ao grupo Kawaiwete, além dos professores, a

Rua das Palmeiras, 55 Botafogo Rio de Janeiro - RJ-Brasil CEP 22270-070
Telefax: 3214-8703 • prodoc.linguacultura@museudoindio.gov.br • site:prodoc.museudoindio.gov.br / www.museudoindio.gov.br



valorização da língua através da escrita. Vale ressaltar que esta oficina também trabalhou com questões ortográficas discutidas em oficinas anteriores (Suzi Lima e Rosana Gasparini (ISA) em 2009 e 2008) e foi realizada novamente em parceria com o ISA, com a participação de Rosana Gasparini.

No que concerne à segunda oficina, o objetivo era treinar os pesquisadores indígenas em relação ao manuseio dos equipamentos assim como o manuseio dos programas de documentação (Toolbox, Elan e Transcriber) assim como envolver os pesquisadores indígenas no processo de documentação. Neste treinamento de caráter individual e específico, foi realizada também a distribuição de tarefas para cada pesquisador.



VII. PROJETO KÍSÊDJÊ

Oficina 20 de julho a 20 de agosto de 2010 – Documentação Linguística

Oficina de transcrição de textos com o programa Transcriber; treinamento e manuseio de equipamentos audiovisuais (câmera, filmadora e gravador digital); noções básicas de computação; reforma ortográfica, gravação de novos textos, revisão das transcrições e traduções feitas pelos pesquisadores indígenas no período de janeiro a julho de 2010, gravação de frases para investigação específica das propriedades supra-segmentais da língua kísêdjê e realização de sessões de elicitación com o fim de estudar as estruturas da língua. Nesta ocasião foi entregue o kit de equipamento para a comunidade:

- a) uma câmera filmadora (SONY HDVhandycan);
- b) um gravador (Zoom H4n – Handy Recorder);
- d)um laptop (HP Pavillion); e 10 caixa de mdv virgens



VIII. PROJETO MAXAKALI

As oficinas tiveram as atividades de: treinamento e manuseio de equipamentos audiovisuais (câmera, filmadora e gravador digital); noções básicas de computação.



IX. PROJETO NINAM

Oficina de treinamento em documentação linguística

Abril – Julho/2010

Na oficina realizada pela equipe foram produzidos registros sonoros e em vídeo das línguas ninam e yaroam em seus diferentes gêneros de fala e eventos comunicativos; dezenas de sessões de elicitación também foram organizadas para coletar dados que melhor explicassem a relação genética entre as variedades lingüísticas faladas nas áreas visitadas, consideradas por diversos autores dialetos da mesma língua.



X. PROJETO RIKBAK TSA

Oficina de treinamento em documentação linguística

Foram realizadas duas Oficinas de apresentação conjunta dos Projetos de Documentação da Língua (PRODOCLIN) e da Cultura Rikbaktsa (PROCULT). Uma oficina na aldeia Pé de Mutum e outra na Barranco Vermelho. As oficinas tiveram as atividades de: treinamento e manuseio de equipamentos audiovisuais (câmera, filmadora e gravador digital); noções básicas de computação.



XI. PROJETO SHÃWÁDAWA

Em janeiro de 2010, a equipe do projeto Shawadawa esteve em campo e desenvolveu a Oficina de treinamento e documentação lingüística. O tema da oficina, além do treinamento com os equipamentos, foi a produção de mapas da região.



XII. PROJETO YAWANAWA

dezembro de 2009 – janeiro de 2010.

Oficina na aldeia Nova Esperança; treinamento e manuseio de equipamentos audiovisuais (câmera, filmadora e gravador digital); oficina de noções básicas de computação.



Todas as atividades desenvolvidas nas viagens a campo das equipes dos projetos estão relatadas em formatos de relatórios e disponibilizadas nos mini sites de cada projeto.



6- Situação atual dos acervos dos projetos PRODOCLIN

Total de arquivos de vídeo, áudio e fotos:

251 fitas de mdv = 251 horas de vídeo

279 horas de áudio gravadas

21.024 fotos

Apiaka

11 fitas mdv

status – em processo de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Desano

03 fitas mdv + 2 gravadas em 2008 = 5 fitas

status – digitalizadas, esperando a tabela de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Ikpeng

12 fitas mdv – primeira viagem a campo

status – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo. Fitas editadas e entregues ao povo Ikpeng

07 fitas mdv – segunda viagem



status – em processo de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Kanoé

28 fitas mdv

status – em processo de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Karajá/Javaé/Xambioá

30 fitas mini dv

status – digitalizadas, esperando a tabela de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Kawaiwete/Kayabi

11 fitas mini dv

status – digitalizadas – esperando a tabela de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo



Kĩsêdjê

15 fitas mdv

status – em processo de edição

01 fita mdv

status – digitalizada

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Maxakali

15 fitas mdv

status – em processo de digitalização

Ninam

34 fitas mdv

status – em processo de digitalização

Paresi

26 fitas mdv

status – editadas, em processo de produção dos DVD para entregar aos Paresi

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo



Rikbaktsa

08 fitas mdv

status – em processo de digitalização

Shāwādawa

15 fitas mdv – primeira viagem

status – em processo de edição

40 fitas mdv

status – em processo de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

Yawanawa

26 fitas mdv –

status – digitalizadas, esperando a tabela de edição

arquivamento – as fitas originais encontram-se no setor de arquivo do museu com uma cópia *master* em DVD, cópia em HD externo

06 fitas mdv

status – em processo de digitalização



7- ACERVOS PARTICULARES INCORPORADOS AO ACERVO PRODOCLIN

Todos os materiais produzidos pelos projetos e os acervos particulares recebidos pelo Museu do Índio serão tratados, digitalizados e armazenados no arquivo do Museu do Índio.

Acervos particulares doados ao Mdi já tratados, digitalizados:

Dra Yonne Leite – as línguas Tapirapé e Arawete (MT); gravações em áudio e imagens do período de 1968 a 1995/1996.

Gravações em áudio: Araweté – 7 fitas cassetes e Tapirapé – 18 fitas cassetes; 02 fitas de rolo grande e 09 fitas de rolo pequeno Tapirapé; 255 fotos.

Status – fase de produção das capas dos DVD para serem entregues à pesquisadora e aos Tapirape.

Dr Marcus Maia – língua Karajá, Javaé, Xambioá (família Karajá, Tronco Macro-Jê)

Auto-denominação: Iny, vivem na Ilha do Bananal e adjacências (Tocantins, Mato Grosso, Goiás). Materiais coletados no período de 1983-2008. Gravações em áudio em fita-cassete, CDs e DVDS de áudio e vídeo, fitas de vídeo VHS. Cerca de 30 horas de gravação em áudio e 20 horas em vídeo.

Helena Cavalcanti-Schiel – língua Xambioa

92 arquivos de áudio = 5h15min de diferentes gêneros de fala, cantigas, mitos e histórias de guerra contada por Luzi Kolyty.

Antonio Guerreiro – Língua Kalapalo – gravações realizadas em dezembro de 2009 – 13 minidisc digitalizados – 2 dvd com 26 arquivos de áudio num total de 09h20min.



Acervo Kalapalo – material doado pela comunidade para arquivamento no acervo do museu – gravação do ritual kuarup agosto 2010.

09 fitas minidv digitalizadas – 09 dvd *master*

Acervo Kuikuro – material doado pela comunidade para arquivamento no acervo do museu – gravação da ‘oficina de cestaria’ - julho de 2010 – 16 fitas minidvd já digitalizada

Acervo particular doado e em fase de tratamento:

Dra May Waddington materiais coletados entre 1992 e 2002 dos povos yawanawa e Tikuna. Mais de 2 mil fotos, mais de 4 mil slides, 30 VHSs, 20 Betacam.

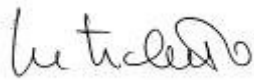
8- AVALIAÇÃO

Avaliamos que, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas durante o período da execução do projeto, o resultado mostra-se positivo. Dos 13 projetos contemplados 70% fecharam a primeira etapa das atividades propostas para os três anos de contrato. As atividades desenvolvidas pelas equipes e acompanhadas pela coordenação, através de relatórios, são satisfatórias do ponto de vista quantitativo e de conteúdo. As equipes desenvolveram oficinas de capacitação em documentação de línguas e oficinas de conteúdo propriamente lingüístico. Nas oficinas lingüísticas o tema definido pelo grupo é sobre a Ortografia. A maioria dos grupos indígenas não possui uma ortografia solidificada, todas apresentam problemas que refletem no uso dentro das escolas. As equipes que iniciaram os seus trabalhos com este tema apresentaram resultados satisfatórios indicados pelos próprios grupos atendidos. Outro ponto interessante é a capacitação dos pesquisadores indígenas em programas computacionais de tratamento de dados lingüísticos. Muitos PIs já utilizam-se dessa ferramenta para transcrever/traduzir narrativas gravadas em suas próprias línguas. Esta atividade tem o objetivo de formar os jovens indígenas em ativos pesquisadores, valorizando e fortalecendo a cultura através de ferramentas e métodos em documentação. As atividades dos PIs são acompanhadas pelos relatórios de atividades desenvolvidas pelos mesmos.



Obs: todas as fotos utilizadas neste relatório foram produzidas durante as oficinas desenvolvidas pelas equipes dos projetos PRODOCLIN.

Rio de Janeiro 13 de fevereiro de 2011



Bruna Franchetto
Coordenadora



Gelsama Mara F. Dos Santos
Gestora Científica - PRODOCLIN

